



RELAÇÕES DE GÊNERO
ENTRE OS MORADORES E lideranças de ÁREAS
de Risco de FORTALEZA

CDPDH – CORDAID - 2003

**CDPDH - Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos
Arquidiocese de Fortaleza**

Diretor

Pe. Antônio Almir Magalhães de Oliveira

Equipe técnica da Temática Terra e Moradia

José Roberto Matos Cabral

Francisco Antônio Ferreira de Almeida

Francisco Silvino da Silva

Abelardo Coelho da Silva

José Batista de Sá

Kelanny Oliveira de Moraes

Equipe de Apoio

José Enildo Moreira Costa

José Claudécir Cavalcante

Iany Mariella Pereira de Araújo

Tabulação dos Dados

Kelanny Oliveira de Moraes

Análise dos Dados e Redação Final

Francisco Antônio Ferreira de Almeida

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	04
PARTE I – RELAÇÕES DE GÊNERO ENTRE OS MORADORES DAS ÁREAS DE RISCO	
1 – PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO	08
2 – COTIDIANO FAMILIAR	10
PARTE II – RELAÇÕES DE GÊNERO ENTRE AS LIDERANÇAS DAS ÁREAS DE RISCO	
1 – COTIDIANO FAMILIAR.....	12
2 – COTIDIANO COMUNITÁRIO.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

RELAÇÕES DE GÊNERO NA PERSPECTIVA DOS DIREITOS HUMANOS

O CDPDH, que tem como prioridade de ação a assessoria às famílias das áreas de risco de Fortaleza, possui como temática transversal de trabalho as Relações de Gênero. Essa é uma temática que tem sido muito discutida nos meios acadêmicos e entre as ONG's, principalmente as que trabalham na defesa e promoção dos direitos das mulheres. No CDPDH a reflexão sobre relações de gênero vem sendo feita desde o ano 2000, com estudos e debates internos de sua equipe de trabalho.

Agora, ao apresentar o relatório sobre a pesquisa de gênero realizada junto às famílias das áreas de risco de Fortaleza, em 2003, tornar-se importante registrar um pouco sobre a visão que o CDPDH vem defendendo em termos de relações de gênero na perspectiva da promoção dos direitos humanos.

Sabemos que, historicamente, as relações sociais entre os gêneros masculino e feminino têm sido produzidas a partir de uma cultura marcada por práticas de dominação e exploração de um sobre outro, mas precisamente do homem sobre a mulher, principalmente na sociedade ocidental, da qual fazemos parte, em que as mulheres têm sido submetidas ao preconceito, exploração sexual, violência e dominação por parte dos homens. Essa relação fincou raízes sociais através da cultura do machismo e do patriarcalismo.

Somente a partir da segunda metade do século XX, que a mulher, de maneira mais firme e organizada, começa a reagir a essa situação e a lutar para conquistar o seu espaço na sociedade, seja se revoltando contra a condição de dominação e exploração sexual e profissional a que são submetidas pelos homens, seja redefinindo seu papel na família e na sociedade. O florescimento do feminismo é resultado desse processo e um passo histórico rumo à construção de novas relações de gênero.

Entretanto, a perspectiva feminista, parece que ainda não foi capaz de ser uma alternativa para a construção de novas relações sociais de gênero pois, muitas vezes, polariza a discussão de gênero muito na problemática das mulheres colocando o homem como um oponente e não como

um colaborador, esquecendo que o elemento masculino também é parte integrante do seu próprio ser humano.

Neste sentido, o CDPDH investe na possibilidade da formação de uma nova consciência sobre gênero. Entende que essas relações são muito mais profundas do que os papéis antropológicos atribuídos ao homem e a mulher em nossas sociedades. Entendemos, com Leonardo Boff, que os gêneros masculino e feminino são, antes de tudo, dimensões atinentes à própria humanidade do homem e da mulher. *“Efetivamente, o homem tem dentro de si a dimensão mulher e a mulher tem dentro de si a dimensão homem”*.¹

Em outras palavras, os elementos masculino e feminino são parte integrante tanto do ser do homem como do ser da mulher. O masculino e o feminino são expressões sintéticas de formas de ser e agir caracterizadas por valores, desejos, sentimentos e formas peculiares de comportamento que lhes são característicos, mas que estão presentes tanto no homem como na mulher.

O homem e a mulher, independentemente de sua opção sexual, são seres humanos particulares e singulares, possuem suas diferenças biológicas e até psicológicas, mas são, do ponto de vista sociológico e antropológico que defendemos, iguais em direitos, deveres, potencialidades e possibilidades humanas.

Desta forma, defendemos que as relações entre homens e mulheres devem ser de reciprocidade e convivência dialogal e colaborativa. Pois, a reciprocidade, como afirma Boff, *“supõe a independência e a capacidade de relação de cada parceiro. Independência, para que cada qual tenha a sua identidade. Relação, para que haja a troca a ser feita sempre em duas mãos e em base igualitária. Diferentes mas equivalentes”*.²

Ou seja, conforme Leonardo Boff, uma nova consciência de gênero nasce da produção de novas relações humanas, onde o homem e a mulher sejam capazes de perceberem, em si próprios, os elementos feminino e masculino como dimensões que perpassam sua existência e sejam também capazes de se refletirem no outro e na outra enquanto seres humanos que podem sim conviver de maneira construtiva, dialogal, recíproca e democrática, cada um reconhecendo seus próprios limites, potencialidades e possibilidades.

¹ BOFF, Leonardo & MURARO, Rose Marie. **Feminino e Masculino**: Uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. Pág. 71.

² Idem. Pág. 63.

Assim, nesta perspectiva, a construção de novas relações sociais de gênero, mais cooperativas, bilaterais, igualitárias e democráticas, entre homens e mulheres, na busca da construção de uma nova sociedade onde haja vida em abundância para todos e todas, sem discriminação, dominação, violência e exploração de nenhuma espécie é o que o CDPDH defende em seu trabalho.

Neste sentido, decidimos que seria importante para as nossas ações no campo das relações de gênero, a realização de um diagnóstico junto ao nosso público-alvo prioritário, a saber, os moradores e lideranças de áreas de risco de Fortaleza. Obter conhecimento sobre como se desenvolvem as relações de gênero entre os homens e mulheres moradores das áreas de risco, bem como entre suas lideranças, foi o objetivo definido para esta pesquisa, que seria um instrumento importante para a definição de estratégias para a atuação do CDPDH nesta temática de trabalho.

Mas, em se tratando da temática de gênero, não seria para o CDPDH interessante aplicar uma pesquisa sem antes fazer uma reflexão, com aqueles que seriam os pesquisadores, sobre a nossa visão deste tema. Foi então que definimos que as próprias lideranças das áreas de risco, com as quais realizamos atividades de capacitação, deveriam ser os aplicadores dos questionários, sendo assim sujeitos ativos no processo de redefinição de suas próprias relações sociais.

Num primeiro momento, as lideranças das áreas que acompanhamos responderam um questionário próprio que foi montado pela equipe do CDPDH na expectativa de identificar suas relações de gênero no cotidiano familiar e no cotidiano comunitário. Esse questionário foi importante para podermos conhecer como andam as relações de gênero entre aqueles que estão à frente da organização comunitária do povo das áreas de risco. Foram aplicados trinta questionários às lideranças. Em seguida, foi realizada uma oficina de capacitação com essas lideranças, onde pudemos refletir juntos sobre nossas próprias visões de gênero. Também foi discutido sobre os elementos técnicos de um trabalho de pesquisa.

Após a capacitação, então os pesquisadores foram para campo. Foram aplicados, de maneira aleatória, 900 questionários aos moradores de 45 áreas de risco acompanhadas pelo CDPDH, onde habitam cerca de 9.000 famílias, o que representa um percentual de 10% do nosso público-

alvo. Foi aplicado um questionário por família, direcionado para a pessoa que se define como chefe de família³.

O questionário aplicado aos moradores tem duas partes. A primeira parte, intitulada Perfil Sócio-econômico, tinha como objetivo identificar a situação sócio-econômica vivida pelos entrevistados e entrevistadas. Já a segunda parte do questionário era voltada para o cotidiano doméstico das famílias. A idéia era identificar a forma como são vividas as relações de gênero, no cotidiano familiar, através da distribuição das tarefas domésticas entre homens e mulheres no seu dia-a-dia.

Assim, este relatório apresenta os resultados das duas etapas da pesquisa, com os principais dados obtidos e análise das relações identificadas. Conforme a organização do questionário aplicado, este relatório também tem duas partes. A primeira apresenta os dados relativos ao perfil sócio-econômico e o cotidiano familiar dos moradores. A Segunda mostra os dados sobre as relações de gênero no cotidiano doméstico e comunitário das lideranças das áreas de risco. Por fim, tecemos algumas considerações sobre as pistas de ação que os dados obtidos na pesquisa apontam.

Esperamos que o resultado desta pesquisa, aqui apresentado, não só ajude no trabalho do CDPDH, mas seja também um instrumento que ajude na discussão sobre a construção de uma nova consciência de gênero, fundamentando a produção de novas e mais humanas relações sociais de gênero.

³ Para efeito desta pesquisa, entende-se como chefe de família, o homem ou a mulher que é responsável pela administração da renda familiar.

PARTE I
RELAÇÕES DE GÊNERO ENTRE OS MORADORES DAS
ÁREAS DE RISCO.

1 – PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO.

Antes de apresentar os dados relativos às relações de gênero, consideramos importante caracterizar, do ponto de vista sócio-econômico, o público pesquisado. Em levantamentos anteriores do CDPDH, é possível perceber que, em geral, os moradores das áreas de risco são pessoas que vivem em situação de grande miséria.

Um primeiro dado indicador desta situação é a renda familiar identificada, pois 61,03% dos entrevistados sobrevivem com renda inferior a um salário mínimo. Considerando que o salário mínimo brasileiro, que hoje é no valor de R\$ 240,00 duzentos e quarenta reais, é um dos menores do mundo e, portanto, não é suficiente para garantir uma vida digna para uma família, percebe-se que a situação das famílias que vivem com um valor inferior a este pode ser caracterizada como de extrema miséria.

Outro dado revelador é o fato de que 53,97% dos chefes de família – ou das chefes de família, uma vez que 79,12% das pessoas ouvidas na pesquisa são do sexo feminino – entrevistados não têm emprego fixo e sobrevivem do trabalho informal e de biscoites temporários. Também é importante registrar que 10,28% vivem a partir da aposentadoria de idosos ou de pensões de alguém da família, o que mostra a importância social que os aposentados adquirem num país onde a miséria é um problema agudo.

O modelo das famílias de 56,42% das pessoas entrevistadas é o chamado Nuclear, ou seja, formada por pai, mãe e filhos. Cerca de 19% são pais ou mães solteiros que cuidam dos seus filhos. Quanto ao estado civil, 33,86% são casados formalmente e 26,98% são solteiros. Os índices acima confirmam a tendência de mudanças nas relações familiares, quando o modelo de família não é mais único e está cada vez mais diversificado e a forma de relação conjugal é cada vez mais informal.

Por fim, a pesquisa revela um dado que é de extrema relevância para a modificação nas relações sócio-econômicas entre homens e mulheres: 44,86% dos entrevistados, afirmaram que é a mulher que é responsável pela administração da renda da família. Essa é uma informação importante porque, apesar das peculiaridades de cada família, reforça a tese de que a mulher está redefinindo o seu papel social e econômico na sociedade, começando pelo ambiente familiar.

Assim, partindo do resultado da primeira parte da pesquisa, é possível afirmar que os moradores das áreas de risco de Fortaleza podem ser definidos como caracteristicamente miseráveis, com uma estrutura familiar em mutação, onde os papéis sócio-econômicos do homem e da mulher se modificam nas suas relações cotidianas. Vejamos então, o que a pesquisa aponta com relação à convivência doméstica entre homens e mulheres no seu dia-a-dia e o que isso pode significar em termos de relações de gênero.

2 – COTIDIANO FAMILIAR.

No seu dia-a-dia familiar, homens e mulheres necessariamente vivem e compartilham a execução de uma série de atividades domésticas que são configuração de sua própria vida. Assim, na pesquisa optou-se por identificar a maneira como essas atividades domésticas são distribuídas na família, na expectativa de perceber o tipo de relações de gênero que estão por trás destas relações familiares entre homens e mulheres.

O questionário levantava questões sobre a execução das principais atividades domésticas do cotidiano familiar, a saber, o preparo das refeições do dia, a higiene da casa, lavar e passar roupas e o cuidado com crianças ou pessoas doentes ou deficientes que possam existir em casa, indagando sobre como são distribuídos esses afazeres domésticos entre os integrantes da família. O resultado foi o seguinte:

- * 82,12% afirmaram que são as mulheres da família as responsáveis pelo preparo do café da manhã;
- * Em 82,66% dos questionários as mulheres são as responsáveis pelo almoço;
- * 84,37% também colocam as mulheres como responsáveis pelo preparo do jantar da casa;
- * Quanto à higiene da casa, as mulheres também são as responsáveis por essa atividade, segundo 82,55% das pessoas ouvidas na pesquisa;
- * Por fim, o exercício de lavar e passar a roupa das pessoas da família é ainda, para 85,97% dos entrevistados, incumbência das mulheres de casa.
- * Com relação aos cuidados com crianças, idosos ou pessoas doentes que possam existir em casa, 59,21% afirmaram que buscam outra forma de cuidar dessas pessoas, liberando os membros da família desta atividade, enquanto que 32,87% apontam as mulheres como responsáveis por este exercício de cuidado.

Os dados apresentados são contundentes. Apontam que, ainda, as relações cotidianas das famílias das áreas de risco estão profundamente marcadas pelo machismo. Embora que, do ponto de vista sócio-econômico, haja um certo avanço, com as mulheres assumindo mais a função de chefe de família, percebe-se que as atividades domésticas permanecem como uma

prerrogativa atribuída às mulheres, o que contribui para a manutenção das relações de dominação na família.

A pesquisa demonstra, portanto, que os traços culturais do machismo e do patriarcalismo ainda estão muito presentes em nossa sociedade, até mesmo nas camadas mais miseráveis da população, onde se esperava que a gravidade de sua situação de vida pudesse promover mais solidariedade entre homens e mulheres no convívio familiar. Seria a falta de acesso à educação e à informação uma causa determinante desta realidade?

O fato é que esta realidade coloca para o CDPDH um grande desafio: como trabalhar para que as famílias das áreas de risco possam conseguir refletir sobre suas relações de gênero e perceber a necessidade e a importância de redefini-las?

As informações aqui reveladas são de fundamental importância para enfrentarmos esse desafio e desenvolver estratégias de ação que possam ser eficazes na construção de novas relações de gênero, na perspectiva que defendemos.

PARTE II

**RELAÇÕES DE GÊNERO ENTRE AS LIDERANÇAS DAS
ÁREAS DE RISCO**

1 – COTIDIANO FAMILIAR

Assim como os moradores das áreas de risco, homens e mulheres que desempenham papéis de lideranças comunitárias, necessariamente vivem e compartilham, no seu cotidiano familiar, a execução de uma série de atividades domésticas que são a configuração de sua própria vida. Assim, na pesquisa optou-se por, num primeiro momento, identificar a maneira como essas atividades domésticas são distribuídas na família dessas lideranças, na expectativa de perceber o tipo de relações de gênero que estão por trás destas relações familiares entre os homens e as mulheres que colocam a serviço do trabalho comunitário nas áreas de risco.

Assim, o questionário levanta questões sobre a execução das principais atividades domésticas do cotidiano familiar, a saber, o preparo das refeições do dia, a higiene da casa, lavar e passar roupas e o cuidado com crianças ou pessoas doentes ou deficientes que possam existir em casa, indagando sobre como são distribuídos esses afazeres domésticos entre os integrantes da família. O resultado foi o seguinte:

- 54,17% responderam que é a mulher da casa que prepara o café da manhã, sendo que em 25% dos casos o homem já assume essa atividade;
- já o preparo do almoço e do jantar é ainda predominantemente uma atividade feita por mulheres: 66,67% afirmam que as mulheres fazem o almoço e 62,5% que elas fazem o jantar;
- a limpeza da casa e a atividade de lavar e passar as roupas, em 75% dos casos, são realizadas pelas mulheres;
- o cuidado de crianças e doentes e deficientes que possam existir em casa é também, para 58,33% uma prerrogativa das mulheres.

Os dados acima revelam que, apesar das atividades domésticas ainda estarem polarizadas nas mulheres, os homens já despertam para a importância de sua contribuição no compartilhamento do trabalho doméstico. Seria este já um resultado da própria condição de liderança comunitária assumida por esses homens? Esta é uma questão que só uma reflexão mais aprofundada sobre gênero junto às lideranças podem oferecer pistas de resposta.

Vejamos, então, o que a pesquisa revelou no tocante às relações vividas entre homens e mulheres no seu cotidiano comunitário.

2 – COTIDIANO COMUNITÁRIO DAS LIDERANÇAS.

Em primeiro lugar, é importante registrar que 83% das 50 lideranças entrevistadas são do sexo feminino. Isso revela que as mulheres são maioria esmagadora no desempenho do papel de líder comunitária nas áreas de risco. Dessa forma, esse dado indica portanto que as mulheres conquistaram importante espaço no campo da luta social.

Nesse trabalho comunitário 70,83% das lideranças responderam que o seu companheiro, ou a sua companheira, não participam do movimento comunitário. Destes, 87,5% afirmam que o seu companheiro, ou a sua companheira, que não participa do movimento não atrapalha a sua participação. Como a maioria das pessoas entrevistadas é do sexo feminino, esses dados revelam que, pelo menos entre as lideranças das áreas de risco, não há muita dificuldade familiar por parte dos maridos para a atuação de suas companheiras no movimento comunitário, mesmo que 66,67% afirmam dedicar o dia todo a esse trabalho. Esse é um fato novo e significativo, pois atrás dele pode haver um certo avanço rumo a uma consciência da importância do papel social da mulher na sociedade.

Outra informação reveladora é o fato de que 75% disseram que as mulheres são maioria no quadro de sócios das suas entidades e 70,83% afirmam que as mulheres são as que mais participam das reuniões, reforçando ainda mais a afirmação do parágrafo anterior.

Sobre a existência de preconceito com relação ao gênero, entre as mulheres 79,17% responderam nunca terem sido vítimas de preconceito, enquanto que entre os homens esse índice chega a 91,67%. Ou seja, apesar de certos avanços na valorização da mulher enquanto ator social, 20,83% das entrevistadas sofrem ainda preconceito pelo fato de serem do sexo feminino. Esses dados demonstram que, mesmo no movimento comunitário, onde se espera haver um maior nível de consciência crítica entre seus participantes, muito ainda há por fazer rumo à vivência de novas relações de gênero.

Quanto às atividades realizadas pelas entidades, 45,83% afirmaram desenvolver atividades direcionadas somente para mulheres e apenas 20,83% desenvolvem ações voltadas só para homens. Nas reuniões dos sócios ou das diretorias, quem mais participam são as mulheres, segundo 75% das lideranças ouvidas. E, no dia da Internacional da Mulher, 58,33% disseram desenvolver atividades específicas para mulheres. Ou seja, a valorização da mulher parece ser uma busca constante das entidades em suas lutas e atividades comunitárias.

Um dado interessante que a pesquisa mostra é o que se refere à distribuição de cargos nas diretorias das entidades: 45,83% afirmam que os cargos são distribuídos equilibradamente entre homens e mulheres, enquanto 41,67% apontam uma divisão desequilibrada. Isso mostra que parece existir um esforço por parte das lideranças em manter uma distribuição dos cargos mais equilibrada entre homens e mulheres, o que pode indicar também uma melhor distribuição dos poderes e responsabilidades nas entidades, o que é pode ser considerado um avanço rumo a relações mais igualitárias entre os gêneros.

No tocante às relações pessoais dentro das entidades, foi perguntado, tanto aos homens como as mulheres de maneira agem com relação ao sexo oposto na convivência comunitária. O resultado foi o seguinte: 95,83% responderam que consideram as mulheres iguais e agem respeitando as diferenças. Entre as mulheres, esse índice foi de 91,67%. Isto é, a pesquisa demonstra que os homens que atuam como líderes comunitários nas áreas de risco parecem estar avançando na perspectiva de constituição de uma nova consciência de gênero, o que é de grande importância numa sociedade como a nossa, que ainda é marcada por fortes traços culturais machistas e patriarcais.

A maioria das lideranças revela interesse em discutir e realizar atividades sobre gênero em suas comunidades. Cerca de 87% gostaria de incluir a temática das Relações de Gênero como uma de suas temáticas de trabalho. Quanto ao tipo de atividades de gênero possíveis de serem realizadas pelas entidades, 33% escolheram debate, 20% a realização de seminários sobre o assunto, 20% palestras com especialistas sobre a temática e 16% a realização de oficinas sobre relações de gênero.

O assunto específico sobre gênero apontado pelas lideranças importante para ser debatido foi, para 62,5%, gênero e violência contra a mulher, enquanto que 16,67% apontaram gênero e cidadania. Quanto aos instrumentos de trabalho sobre esta temática, 83% apontaram cartilhas populares como o melhor meio e 17% indicaram o uso de vídeos sobre o tema.

Enfim, as lideranças das áreas de risco parecem já bem avançadas no tocante às reflexões sobre a importância do estabelecimento de novas relações de gênero. Entre elas já há inclusive sinais concretos de renovação das relações. Mas, segundo o resultado apresentado, parece que ainda há muito que fazer neste sentido, principalmente com relação à sua base comunitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, entre os moradores das áreas de risco, a pesquisa apresenta duas realidades. A primeira demonstra que parece haver um certo avanço com relação às relações de gênero na perspectiva sócio-econômica. Isso se dá pelo alto índice de mulheres chefes de família que a pesquisa indica. Resta descobrir se esse é um fato consciente, ou seja, resultado de reflexão das pessoas da família, ou se é fruto irrefletido da necessidade cotidiana do seu dia-a-dia de convívio.

Em segundo lugar, apesar do avanço revelado, parece que ainda é fortemente presente à prática de atitudes machistas, tanto em homens como em mulheres, com relação ao exercício das atividades domésticas.

Com relação às lideranças comunitárias, a temática de gênero parece estar mais próxima de seu cotidiano. Os dados apresentados demonstram a existência de vários avanços das relações sociais comunitárias rumo a novas relações de gênero. A maior valorização da participação das mulheres, seja nas atividades das entidades, sejam em suas diretorias é um dado importante pois indica também que novas relações de poder entre os gêneros podem estar se constituindo na experiência do movimento comunitário.

Partindo destas constatações, é possível afirmar que a pesquisa aponta algumas pistas de ação para a equipe do CDPDH no campo das relações de gênero junto às famílias das áreas de risco. Em primeiro lugar, se a idéia é mudar relações, principalmente entre os moradores das áreas de risco, parece ser necessária uma aproximação maior das lideranças comunitárias e dos próprios técnicos do CDPDH, com o cotidiano dessas pessoas. Isso poderia ser feito através da mobilização e capacitação das lideranças comunitárias para a realização de grupos de partilha e reflexão sobre relações de gênero na família e na comunidade.

Em segundo lugar, é importante que o CDPDH, em suas atividades de mobilização das famílias, possa sempre fazer breves reflexões e lembretes sobre as relações de gênero na família, de maneira dinâmica e com uma linguagem popular que possa, ao poucos, ir conscientizando as

peças da necessidade de se viver novas relações sociais em casa e na sociedade como um todo.

A produção de cartilhas populares sobre o assunto e a realização de momentos de reflexão e debates sobre temas ligados à temática de gênero, como a questão da violência contra a mulher, são pistas de instrumentos de trabalho que as lideranças apontam na pesquisa e deveriam ser valorizados pelo CDPDH em seu trabalho transversal sobre relações de gênero.

Por fim, é importante também que a pesquisa sobre relações de gênero possa se manter como uma constância no trabalho do CDPDH. A realização de estudos e debates internos periódicos sobre gênero se coloca como uma exigência *sine qua non* para que os técnicos do CDPDH possam estar sempre atualizados sobre as reflexões dessa temática, bem como se possa definir com bastante convicção e clareza a concepção de gênero que o CDPDH defende e pretende construir.